

Reportagem Especial

JOVENS DE CLASSE MÉDIA

Gangues agem em bairros nobres

Elas comandam roubos de veículos, tráfico e golpes em boates da Grande Vitória. Muitas delas fazem parte de famílias conceituadas

Michelli Possmozer

Um jovem universitário, bem vestido e de família conceituada na sociedade presume boa conduta. No entanto, a polícia aponta que muitos jovens de classe média se unem em grupos para cometer crimes, como tráfico de drogas, furtos e assaltos em bairros nobres.

O titular da Delegacia de Furtos e Roubos de Veículos (DFRV), delegado André Cunha, acredita que o crime se popularizou e que é cada vez mais comum o envolvimento de jovens de classe média.

Ainda segundo o delegado, eles agem em bairros nobres porque é onde eles se sentem seguros para transitar na criminalidade.

“Ali é o ambiente deles, onde criaram raízes e estão entre os colegas de universidade, com quem se comunicam e têm cobertura no crime. E eles pensam que na área nobre não vão ter tanta visibilidade. Enganam-se, porque acabam sendo presos”.

Um policial militar, que atua na região da Praia do Canto e pediu para não ser identificado, contou que são comuns ocorrências de furtos e tráfico de drogas em condomínios envolvendo jovens de classe média.

De acordo com o policial, também ocorrem furtos e roubos em

estabelecimentos comerciais, mas muitas vezes, como o jovem já é conhecido do bairro, a ocorrência não vai parar na delegacia. “Muitos não denunciam para não denegrir a imagem do jovem e porque sabem que o pai vai lá e paga o prejuízo. Quando ocorre com pobre, é roubo, mas quando acontece com quem tem grana, é desvio de conduta”, pontuou o policial.

Um investigador da Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes (Deten) – que pediu para ficar no anonimato – afirmou que há muitos casos de tráfico sendo investigados em bairros nobres em que há participação de jovens até da alta sociedade.

“Há muitos jovens das classes média e alta guardando drogas em casa para traficantes em troca de entorpecentes. São casas boas, famílias de bem, pessoas conhecidas, e a maior parte desses jovens faz faculdade”, relatou.

Um investigador da Delegacia da Praia do Canto – que pediu para não ter o nome divulgado – disse que há muitas ocorrências de uso e tráfico de drogas, ameaças, falsidade ideológica, lesões corporais e porte de armas envolvendo jovens que moram nas imediações.

“A polícia também investiga furtos e roubos envolvendo esses jovens. A impressão é que eles fazem para curtir, para zoar mesmo”.

“Eles pensam que na área nobre não vão ter tanta visibilidade. Enganam-se, porque acabam sendo presos”

Delegado André Cunha

Estudante de Engenharia é preso por tráfico em Itapoã

Cursando o 6º período de Engenharia de Produção em uma faculdade particular de Vila Velha, o universitário Rafael Alves Ferreira de Souza, 25 anos, foi preso no último dia 13 de abril, acusado de ser chefe do tráfico em Itapoã.

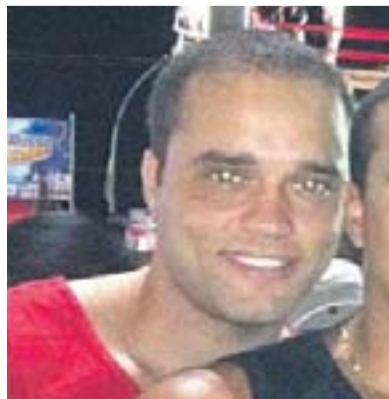
Segundo a Secretaria de Estado da Justiça (Sejus), Rafael e o vendedor Alex Vitali de Arruda, preso junto com ele e apontado como o gerente da boca de fumo, estão no

Centro de Detenção Provisória (CDP) de Vila Velha, em Xuri.

A prisão foi feita pela Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes (Deten), após denúncias. “Rafael morava em um apartamento de luxo e começou a fazer churrascos na área social do prédio. Como ele chamava os bandidos de Ilha dos Ayres para participar, as festas despertaram a atenção dos vizinhos”, relatou o titular da Deten, delegado Diego Yamashita.

De acordo com as investigações, Rafael e o parceiro traficavam crack na região de Ilha dos Ayres e em Itapoã, no município. Para não chamar a atenção da comunidade, os jovens mantinham uma quitinete na Glória, onde guardavam drogas, armas e munições.

No local, a polícia apreendeu uma pistola, munições, balança de precisão, pedras de crack, uma balança digital, potes de ácido bórico e um colete à prova de balas. Ainda segundo o delegado, Rafael é filho de um auditor da Receita Estadual.



RAFAEL dava festas com bandidos



GERENTE de uma boate em Vitória afirmou que jovens de classe média e alta tentam dar o golpe da comanda

GERENTE DE BOATE 35 ANOS

“Maioria prefere armar escândalo”

Para consumir bebidas sem limite em boates e sair sem pagar a conta, jovens de classe média e alta chegam ao extremo de apresentar documentos falsos. Foi o que afirmou o gerente de uma boate de um bairro nobre de Vitória, de 35 anos, que não quis ser identificado.

A TRIBUNA – Que tipo de crime vem ocorrendo nas boates?

GERENTE – Acontece direto a duplicidade de comanda por causa da falsidade ideológica apresentada pelo cliente. Ocorre muito com estudante de Direito, Odontologia ou Medicina. É jovem com grana, não se trata de um cliente qualquer.

> Como eles fazem isso?

Geralmente, o jovem já frequenta e tem cadastro. Só que, ao chegar ao caixa, ele cadastra uma identidade falsa e fornece o telefo-

ne errado. Aí consome um valor muito alto em bebidas.

Quando chega em determinado valor, a comanda trava, e o cliente precisa mostrar a identidade e pagar a comanda para liberar um novo limite. Ele diz que vai buscar o documento, mas some e dispensa essa comanda. Aí pega o documento original e fala que estava sem comanda para conseguir a liberação.

> Eles não são descobertos?

Como já aconteceu várias vezes, hoje a equipe fica de olho e normalmente a gente descobre. Nas sextas-feiras e quando há festa de faculdade são os dias em que isso mais ocorre.

> O que a gerência faz?

A gente tenta resolver, receber o dinheiro e só chamar a polícia se a pessoa relutar.

> Qual a reação deles?

A maioria grita que conhece as leis e prefere armar escândalo. Muitos dizem: “Você sabe de quem eu sou filho?”, só para intimidar. E o pior é que golpe é cometido por nomes de peso da Grande Vitória. O que me surpreende é que são pessoas instruídas. É como se fosse uma necessidade de infringir.

> Algum caso chocou você?

Nesse semestre, o filho de um advogado muito conhecido e três amigos, todos na faixa de 22 anos, estavam com uma comanda fake (cadastrada com identidade falsa).

Eles consumiram só em vodcas importadas R\$ 3.200. Quando descobrimos, ligamos para os pais dele. Eu vi a decepção dos pais. A mãe deu um tapa no rosto do filho, na frente de todos.

Furto de moto para curtir corrida

Três jovens de classe média foram presos na semana passada porque estavam furtando motos para curtirem em corridas de motovelocidade.

A polícia chegou aos jovens após o furto da moto de um cabo da Polícia Militar, de 38 anos, uma Honda CB X 250 preta, que aconteceu dentro de um condomínio na Praia do Canto, em Vitória, na noite do dia 26 do mês passado.

Um dos acusados de participar do furto da moto do PM é um vendedor de 34 anos, morador do mesmo condomínio onde aconteceu o crime. Ele chegou a ser preso no último dia 28, mas está respon-



MOTOS seriam modificadas

dendo ao processo em liberdade. Os outros dois envolvidos no crime, dois empresários, de 29 e 30 anos, foram ouvidos e liberados no mesmo dia por falta de provas.

Segundo um investigador da Delegacia de Furtos e Roubos de Veículos (DFRV), os jovens furtoavam as motos para transformá-las em motos de corrida.

Duas motos, com o chassi raspado, foram apreendidas no box de uma pista automobilística que pertence aos empresários. Outras duas motos, também com chassi raspado, estavam em outro box. “A perícia já comprovou que uma moto é roubada”.

Reportagem Especial

JOVENS DE CLASSE MÉDIA

Entrega de drogas com carros de luxo

Uma característica do tráfico de drogas em bairros nobres é o Disque-Drogas, que possibilita ao usuário receber a encomenda de drogas em casa, segundo o titular da Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes (Deten), delegado Diego Yamashita.

Essas entregas, de acordo com o delegado, são realizadas em veículos de luxo, conforme aponta a maior parte das investigações.

Yamashita explicou que essa modalidade de ação do tráfico foi detectada no caso do estudante de Engenharia Rafael Alves Ferreira de Souza, 25 anos, acusado de ser chefe do tráfico em Itapoã, ao ser preso no último dia 13 de abril.

Conforme demonstraram as investigações, Rafael traficava em bairros nobres de Vila Velha por meio do Disque-Pó. A partir de ligações para vários telefones celulares, ele fazia entrega de entorpecentes na orla de Coqueiral de Itaparica, Itapoã e Praia da Costa, no município, utilizando uma moto Kawasaki e um Honda Civic.

A entrega de drogas com o uso de veículos de luxo foi constatada em fevereiro do ano passado, quando

um comerciante de 30 anos foi preso por vender drogas durante as madrugadas no bairro Praia da Costa, em Vila Velha, com um Porsche amarelo, carro importado avaliado em R\$ 200 mil.

O delegado explicou que, por não haver pontos específicos de venda de drogas em bairros nobres, há ausência de violência e, por isso, acaba por ser mais discreto do que o tráfico na periferia.

“O que gera conflito são as disputas por pontos de venda e como não há um domínio territorial nos bairros nobres, não há disputa”.

SINTÉTICAS

O delegado informou que a maior parte das denúncias sobre tráfico em bairros nobres são referentes às drogas sintéticas, como LSD e ecstasy. “E a grande maioria que trafica começa como usuário”.

Um investigador da Deten explicou que o tráfico em bairro nobre é mais lucrativo até pelo tipo de droga que é comercializada. “A escama de peixe – cocaína pura – só se encontra em bairro nobre e é vendida para o cliente da alta sociedade, pois custa R\$ 100 o papelote”.

ANTONIO MOREIRA - 16/02/2012



PORSCHÉ de R\$ 200 mil era usado para entregar drogas na Praia da Costa

CASOS

Estudantes presas por furto

Duas estudantes – ambas de 18 anos e moradoras de Jardim da Penha, em Vitória – foram presas no dia 12 de julho deste ano, após furtarem 13 peças de roupas e um óculos em uma loja de um shopping na Serra.

Elas levaram uma tesoura para a loja, que foi utilizada para que elas arrancassem as etiquetas com alarmes das peças, que eram colocadas em suas bolsas. Mas a ação foi registrada pelas câmeras de segurança e elas confessaram o crime.

Gangue de jovens de classe média é presa

Uma quadrilha especializada em receptação e repasse de carros roubados foi presa no dia 24 de janeiro deste ano.

Entre os seis jovens de classe média presos estavam um estudante de Direito, de 22 anos, e outro universitário, de 25 anos. Segundo a polícia, a gangue levou 30 carros roubados no Estado para a Bahia.

Universitário é preso por roubar carros

Um universitário de 23 anos foi preso no dia 6 de janeiro do ano passado, no bairro Itapoã, em Vila Velha, por integrar uma quadrilha que roubava carros importados no município.

O jovem foi reconhecido por um funcionário público, de 55 anos, que teve o carro dele roubado no bairro Praia da Costa, no dia anterior à prisão dele.



DELEGADO DIEGO YAMASHITA diz que o tráfico em bairros nobres é mais discreto pois não há disputa territorial

“Falta maior fiscalização dos pais”

A falta de fiscalização dos filhos pelos pais dentro de casa contribui para que adolescentes de classe média se envolvam com o crime, segundo acredita o titular da Delegacia de Adolescentes em Conflito com a Lei (Deacle), delegado Wellington Lugão.

“O adolescente de boa família que comete crime, eu acredito, deve ter um desvio de conduta porque não falta nada para ele, logo, não teria por que cometer crime. Mas também falta conversa em casa, fiscalização dos pais, pois a família tem de fiscalizar o que o filho faz e o dinheiro que ele leva pra casa. Se o menino se acostuma a fazer coisa errada e gosta da vida do crime, no futuro ele vai partir para delitos mais graves”.

O delegado relatou que na semana passada, um adolescente de 16 anos foi parar na delegacia porque estava furtando bicicletas dentro do próprio condomínio, em Jardim Camburi. A ação criminosa do menor foi flagrada pelas câmeras de segurança do prédio.

“Inicialmente, ele não queria assumir, mas depois admitiu que furtou porque queria arrumar di-

nheiro para curtir”, disse Lugão.

VÍCIO

De acordo com um investigador da Deacle, que pediu para não ser identificado, há muitos casos de adolescentes em que os pais possuem uma boa estrutura financeira, mas os filhos entram no mundo do crime por causa do vício em drogas.

“Geralmente, esses adolescentes

começam como usuários de drogas, porque não falta nada para eles, nem é muito pelo dinheiro”.

O investigador contou o caso de um adolescente de 17 anos, que já foi detido seis vezes, desde 2010. Ele é morador da Praia da Costa e foi preso por tráfico de drogas em Coqueiral de Itaparica, há três anos. Sua última detenção foi em maio deste ano, no bairro onde mora, por tráfico.

RODRIGO GAVINI - 10/04/2013



DELEGADO WELLINGTON LUGÃO acredita que falta diálogo em casa. “Falta conversa em casa. Se o menino se acostuma a fazer coisa errada e gosta da vida do crime, no futuro vai partir para delitos mais graves”

ANÁLISE

“Entendem que o crime é um ótimo negócio”

“O jovem da classe média comete delitos, em geral, pelo envolvimento com drogas, que remete a roubos e tráfico, e/ou como estilo de vida buscando emoções e motivações em um mundo vazio de valores e objetivos que o oriente.

Reflete uma juventude que não tem responsabilidade com o futuro tendo a seu favor a sensação de impunidade que sua condição social garante.

Em geral, esses jovens vivem em famílias desorganizadas e descom-

prometidas com sua formação e sua proteção; com muita tecnologia, conforto material e dinheiro, mas com pouco (ou nenhum) diálogo, afeto ou atenção, logo, sem a noção de limites e de responsabilidade e respeito com o outro; sem noção de autoridade e hierarquia.

O que vale é o ‘ter’, ‘aqui e agora’; o prazer imediato, a felicidade passageira e ilusória. A oferta de bens pelo mercado é interminável e o desejo de consumo é insaciável. Assim, o dinheiro disponibilizado pelos pais

nem sempre dá conta de suprir a necessidade gerada pelo consumismo, que é a marca da sociedade contemporânea.

A cultura que destina o sistema penal apenas para os pobres estimula nos jovens de classe média e alta a ideia de que o custo/benefício dos atos infracionais lhes é extremamente favorável e, assim, entendem que o crime é um ótimo negócio ou excelente diversão ou mesmo um estilo de vida que lhes dá visibilidade nesse mundo tão pasteurizado.”

Maria Angela Rosa Soares
Socióloga e professora da UUV

